

SÍLABA FONÉTICA E SÍLABA LINGÜÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ana Cláudia de Souza

1. INTRODUÇÃO

A fala é um processo dinâmico que ocorre em cadeia. Os movimentos articulatórios são complexos, rápidos, pequenos e contínuos, produzidos automaticamente pelos falantes. Mas apesar de as análises acústicas mostrarem que os sons se fundem uns nos outros, que, ao articularmos um som, o trato vocal se configura de acordo com a articulação do som seguinte e assim sucessivamente, e que os sons são produzidos num *continuum* sonoro, os falantes são capazes de perceber a fala como uma seqüência discreta de segmentos. O pesquisador analisa a fala também como uma seqüência de segmentos, pois, seria difícil, se é que é possível, analisá-la como um todo indecomponível.

Partindo do pressuposto de que os pesquisadores precisam analisar a fala como seqüência de unidades discretas, podemos dizer que, da mesma forma que os traços distintivos se agrupam em feixes para formar os fonemas (Jakobson, 1967), estes últimos se agrupam em sílabas. Na articulação melódica, a sílaba é, então, um conjunto de fonemas.

Gaya (1966) considera a sílaba a unidade fonética

imediatamente inferior ao grupo fônico¹, é a menor unidade fonética em que se divide a fala, a unidade básica articulatória. Haugen diz que *the smallest unit of recurrent phonemic sequences which makes it possible to describe the distribution of segmental phonemes and configurative phonemic entities most economically, is the syllable* (Haugen apud Akhmanova, 1971: 46). E Fujimora (1990) afirma: *a syllable should be defined as a minimal unit that is utterable in isolation at the phonetic level, and any use of the term should be in some way consistently related to this phonetic notion* (Fujimora apud Hudson, 1995: 668).

Embora a sílaba tenha sido objeto de particular atenção por parte dos lingüistas, nem sempre há acordo ao defini-la. Mas isso ocorre, porque os estudiosos escolhem pontos de vista diferentes para a sua definição: articulatórios, perceptivos, acústicos, funcionais.

2. DIFERENTES DEFINIÇÕES DE SÍLABA FONÉTICA²

De acordo com o físico alemão, Merkel (1856), o ar é emitido numa série de impulsos durante a cadeia da fala. Cada um desses impulsos corresponde a uma sílaba, chamada **sílaba dinâmica** ou **expiratória**. Mais tarde os foneticistas Sievers (1901) e Passy (1906) colocaram em relevo a maior energia da emissão durante a articulação de uma sílaba, fazendo surgir a noção de **sílaba intensiva**. Brücke (1871), físico alemão contemporâneo de Merkel, partiu do efeito auditivo, observando que a fala se decompõe em sílabas assinaladas por um ponto mais perceptivo, **sílaba sonora**. Otto Jespersen (1920), partindo do mesmo ponto de vista, diz que os sons se agrupam em torno do fonema mais sonoro, ou seja, a sonoridade é um fator decisivo na constituição da estrutura silábica. Essa definição se baseia na oscilação de aumento e queda de energia.

A sílaba, então, foi definida como a distância entre dois mínimos de perceptibilidade. Vejamos o que Bloomfield nos diz, segundo a visão de sonoridade da sílaba:

*In any succession of sounds, some strike the ear more forcibly than others: differences of **sonority** play a great part in the transition effects of vowels and vowel-like sounds.... In any succession of phonemes there will thus be an up-and-down of sonority.... Evidently some of the phonemes are more sonorous than the phonemes (or the silence) which immediately precede or follow.... Any such phoneme is a **crest of sonority** or a **syllabic**; the other phonemes are **non-syllabic**.... An utterance is said to have as many **syllables** (or **natural syllables**) as it has syllabics. The ups and downs of **syllabification** play an important part in the phonetic structure of all languages* (Bloomfield apud Goldsmith, 1990: 104-105).

De acordo com Câmara Júnior, a noção de sonoridade de Brücke inclui o acento silábico de Sievers e Passy, já que os sons fortes são os mais “sonoros” (Câmara Júnior, 1977: 71). Mas entre a noção de sílaba dinâmica (Merkel) e de sílaba sonora (Brücke) há discordância, embora os dois tipos de sílaba normalmente coincidam. Assim afirma o pesquisador: *Os adeptos da sílaba sonora não negam o papel do impulso da voz como fator silábico. Ressalvam, apenas, que o movimento expiratório é passível de regular-se em força e duração por um ato volitivo do falante* (Id. Ibid.: 71). Muitos foneticistas preferem a noção de sílaba dinâmica, por esta apresentar fronteira silábica mais evidente do que a noção de sílaba sonora: a passagem de um impulso decrescente para um impulso crescente (ver definição de Merkel).

O lingüista suíço, Ferdinand de Saussure (1977), define a sílaba de acordo com o grau de abertura dos sons, **sílaba**

articulatória. Saussure classifica os sons conforme sua articulação bucal. Independente do ponto de articulação, os sons sempre apresentam uma certa abertura entre dois limites, que seriam o fechamento total e a abertura máxima. Os sons são agrupados em sete categorias que são designadas pelos números de 0 a 6, partindo dos sons de menor para maior abertura. Fazendo um estudo dos sons na cadeia da fala, o lingüista percebeu que existe fronteira entre o som de maior fechamento e o início de uma abertura, citando o seguinte exemplo: *quando se pronuncia um grupo appa, percebe-se uma diferença entre os dois pp, dos quais o primeiro corresponde a um fechamento e o segundo a uma abertura* (Saussure, 1977: 64). Essa fronteira é chamada de silábica e, segundo ele, ocorre no momento em que se passa da implosão para a explosão (> <). O movimento de abertura foi chamado, por ele, de explosão e o de fechamento de implosão. Explosões (/-.p-/³) ou implosões (/ap.-/) consecutivas não rompem a cadeia da fala e na passagem de uma explosão para uma implosão (/-.pa/) ou, então, do silêncio para uma implosão (/ap.-/), encontra-se o ponto vocálico (< >). Esse ponto vocálico ou ápice silábico está no fonema de maior abertura (/a/, em ambas as sílabas) e é o primeiro elemento da implosão. Por isso, a explosão é mais rápida e a implosão mais claramente percebida. O ponto vocálico vale como som implosivo, por causa do esforço muscular de fechamento; essa é uma fase intermediária chamada, pelo pesquisador, de *tensão* ou *articulação sustentada*. Analisemos um exemplo da língua portuguesa de acordo com o ponto de vista de Saussure: no grupo fônico **boca** /boka/ temos uma explosão no primeiro segmento, /b/, seguida por um segmento de maior abertura, mas implosivo, /o/. Na passagem de uma explosão para uma implosão há o ponto vocálico, nesse caso, a vogal /o/. Depois da vogal /o/, temos a consoante /k/, explosiva, seguida pela vogal, /a/, implosiva. Aqui se encontra novamente o ponto vocálico, /a/.

A cada ponto vocálico, corresponde uma sílaba. Devemos, portanto, ter duas sílabas no grupo /boka/. Saussure nos diz que no momento em que se passa da implosão para a explosão ocorre fronteira silábica. A fronteira está, então, entre /o/ e /k/, sendo possível, desta forma, dividir o grupo fônico /boka/ em duas sílabas da seguinte maneira: /'bo.ka/.

Saussure faz distinção entre a produção dos sons e sua função na sílaba, dizendo que os termos **vogal** e **consoante** designam espécies diferentes de sons e que os termos **soante** e **consoante** indicam as funções dos segmentos (cf. 3, noção de vogal e consoante).

Grammont (1933) e Fouché (1927) definiram a sílaba em termos fisiológicos. A sílaba foi caracterizada por uma tensão crescente dos músculos do aparelho fonador, seguida por uma tensão decrescente com o relaxamento desses músculos.

O estudioso americano Stetson (1951) também levou em conta a tensão muscular, consolidando, assim, a teoria de Merkel com a idéia de tensão na sílaba fonética. Stetson mediu a atividade dos músculos da respiração e verificou que há relação entre a sílaba e a enervação dos músculos respiratórios. Para Stetson, toda sílaba é acompanhada por um 'impulso balístico do tórax' produzido pela ação dos músculos intercostais internos: cada novo movimento dos músculos produz uma nova sílaba. Stetson diz que os movimentos do tórax associados com a sílaba são balísticos, porque, segundo ele, são o produto de uma contração, sempre do mesmo tipo, dos músculos intercostais.

Na definição de sílaba de Grammont todos os músculos do aparelho fonador são considerados, enquanto para Stetson existe relação somente entre a sílaba e os músculos intercostais.

Nos estudos de Ladefoged, Draper e Whitteridge (1973) a atividade dos músculos respiratórios durante a fala foi estudada

por meio de uma técnica conhecida como eletromiografia (*electromyography*). Os pesquisadores dizem que esse método é o mais satisfatório para obter evidências dos músculos envolvidos numa ação de fala. Como resultado, perceberam que os músculos respiratórios mais ativos numa atividade de fala são os intercostais internos. Os estudiosos mostraram que há casos em que dois impulsos do tórax podem ser associados a uma única sílaba e outros casos em que um único impulso do tórax pode ter duas sílabas, apresentando, desta forma, um problema para a teoria de Stetson:

*We made many recordings of the muscular activity which occurred when lists of words were read. These records show that each segment of speech which is perceived as a syllable is not necessarily accompanied by a separate burst of muscular activity. [...] Sometimes a single increase in tension spans a group of articulations including two vowels separate by a consonant closure (our records show that words such as **pity** and **around** may be spoken in this way); and sometimes there are two separate bursts of activity in what is normally regarded as a single syllable (e.g. in **sport**, **stay**, and other words beginning with a fricative followed by a plosive). [...] Very often there is not even a correlation between the number of bursts of muscular activity and the number of segments perceived as syllables in an utterance (Ladefoged; Draper; Whitteridge, 1973: 209-210).*

Pike define a sílaba como *a single unit of movement of the lung initiator which includes but one crest of speed. Every occurrence of an initiator time bulge followed by renewed speed of the initiator movement is a trough or border between two syllables* (Pike, 1969: 116). O lingüista diz que, fisiologicamente, as sílabas podem ser chamadas de impulsos torácicos. Pike define os sons, de acordo com critérios fonéticos, como *vocoids* e *contoids* e, de acordo com a

sua função na sílaba, como vogais e consoantes (verificar 3). Da seguinte forma evidencia Pike:

Vocoid and contoid groups are strictly delineated by the articulatory and acoustic nature of sounds, without reference to phonemic contextual function. [...] Vowels and consonants are then categories of sounds, not as determined by their own phonetic nature, but according to their grouping in specific syllable contextual functions (Id. ibid.: 78).

Durand (1954) diz que todas essas definições são boas e que uma sílaba não será perfeita e estável, se não fizer coincidir tudo isso.

Heffner (1964) afirma que muitos foneticistas instrumentais negam a realidade da sílaba, porque as tentativas de defini-la pela investigação acústica dos sons da fala têm sido insatisfatórias. Não é possível perceber, por meio das análises, em que ponto ocorre a fronteira silábica. Como apontou Jespersen:

This is somewhat the same kind reasoning as would lead one to deny the existence of two adjacent hills because one cannot satisfactorily determine how much of the intervening valley belongs to one and how much belongs to the other (Jespersen apud Heffner, 1964: 73).

Mas é incontestável o fato de que as análises acústicas mostram picos de energia acústica que correspondem, na fala, precisamente ao que se chama silábico, ou centro de sílaba. A cada fração de fala, ou seja, a cada sílaba, há um pico de energia.

Entre todas as diferentes definições de sílaba citadas existe um denominador comum que é o movimento de ascensão que cul-

mina no ápice silábico, seguido de um movimento decrescente. E, embora aceitemos a sílaba como uma realidade fonética, não podemos esquecer que cada língua tem suas próprias regras para a formação silábica, ou seja, a sílaba lingüística ou fonológica é diferente em cada língua.

3. DISTINÇÃO ENTRE PRODUÇÃO E FUNÇÃO DOS SONS

Saussure (1977) já fazia distinção entre a produção dos sons e a sua função na sílaba. Classificava as diferentes espécies de sons como **vogal** e **consoante**, de acordo com a produção, e como **soante** e **consoante**, de acordo com a função exercida. Do ponto de vista fonológico, soante seria o ponto vocálico ou núcleo silábico e consoante, os segmentos marginais e do ponto de vista fonético, Saussure afirma o seguinte:

A fórmula de uma vogal é exatamente comparável à de qualquer consoante sonora. Do ponto de vista da articulação bucal, não existe distinção a fazer. Sômente o efeito acústico é diferente. Passado um certo grau de abertura, a bôca funciona principalmente como ressoador. O timbre do som laríngeo aparece plenamente e o ruído bucal desaparece. Quanto mais a bôca se fecha, mais o som laríngeo é interceptado; quanto mais se abre, mais diminui o ruído. É assim que, de modo totalmente mecânico, o som predomina na vogal (Saussure, 1977: 59-60).

Levamos em conta a distinção feita por Saussure entre a produção e a função dos sons, utilizando os termos de Pike **vocoid** e **contoid** ao nos referirmos à maneira como os sons são produzidos. Não fazemos uso dos termos de Saussure, pois, embora faça distinção, usa o termo **consoante** para designar tanto esse tipo de

som pela produção, quanto pela função.

Pike designa os sons, segundo sua produção, por meio de critérios fonéticos, como **vocoid** e **contoid**, e segundo sua função na sílaba, como **vowel** e **consonant**, por meio de critérios fonológicos (ver 2). Para Pike, **vocoid** é um som produzido pela vibração das cordas vocais, sem que outro órgão ativo apresente obstáculo à corrente de ar, **contoid** é todo o som não-*vocoid*, ou seja, produzido com ou sem vibração das cordas vocais pela interferência de um outro órgão ativo, **vowel** é o som essencial da sílaba, o núcleo silábico e **consonant** é o som marginal. Os termos utilizados por Pike, foram adotados por Back e Mattos (1972) que os utilizam como **vocóide** e **contóide**, e **vogal** e **consoante**.

Assim como os vocóides podem ser vogal ou consoante, os contóides também podem. Mas sempre que houver um vocóide e um contóide, o vocóide será o centro silábico, ou então, a vogal, por ser, de acordo com Saussure, o som de maior abertura. Enquanto na língua portuguesa os contóides e os semivocóides⁵ ocupam sempre a função de consoante e os vocóides de vogal, na língua inglesa isso nem sempre ocorre, já que o vocóide /**h**/ ocupa a função de consoante, jamais de vogal, como podemos ver no vocábulo **heart** /'hart/ 'coração'.

4. EXISTÊNCIA DA SÍLABA LINGÜÍSTICA

4.1. CONSTITUIÇÃO E PROEMINÊNCIA SILÁBICA

Foneticamente, o termo **sílaba** é, freqüentemente, usado com referência a uma seqüência de sons falados que tem um ponto culminante entre dois mínimos. A base para se saber qual é o ponto culminante pode ser qualquer das teorias descritas anteriormente. O apogeu silábico pode ser o elemento mais sonoro, o de maior

intensidade, o de maior abertura, o de maior tensão muscular, etc.

A sílaba é um conjunto de fonemas que tem, na maior parte das vezes, um vocóide como núcleo; é o que ocorre no vocábulo português **pá** /'pa/. Há casos, mais raros, em que os contóides podem representar o núcleo silábico. Alguns pesquisadores, entre eles Kreidler (1989), afirmam que os contóides ingleses [n], [m], [N], [l] e [r] podem ser foneticamente considerados silábicos, mas fonologicamente são interpretados como vogal /**Ä**/ seguida de consoante. Embora seja possível que um contóide ocupe a posição de vogal, sempre que houver um vocóide, este será o centro silábico, a vogal. Conseqüentemente, há duas classes de fonemas de acordo com a posição que ocupam na sílaba: central e marginal.

Esse conjunto de fonemas pode ser composto por um único fonema (conjunto unitário), ou seja, uma vogal, ou, então, pelo agrupamento de uma vogal que pode ser precedida, ataque⁶ (**pá** /'pa/), seguida, coda (**as** /as&/), ou precedida e seguida (**mar** /'mar/) por consoantes. Os fonemas que têm a função de centro da sílaba são chamados de vogais e os demais de consoantes. Podemos, assim, dizer que a sílaba é constituída pelas seguintes partes: ataque, núcleo e coda, sendo obrigatório somente o núcleo⁷.

As sílabas que terminam em vogal são chamadas de sílabas livres ou abertas e as que terminam em consoante, de travadas ou fechadas. As sílabas abertas predominam nas línguas do mundo e entre elas parece preponderar o tipo CV (consoante + vogal). Há línguas, como o japonês e muitas línguas africanas, que só aceitam sílabas desse tipo.

Quando duas sílabas se encontram, uma é mais proeminente do que a outra, recebendo, então, o acento ou de intensidade, ou de altura (tom), ou ambos. O acento sempre recai sobre o centro silábico. Sílabas antecedentes são todas as que precedem a sílaba acentuada do vocábulo e as conseqüentes são as que a seguem.

4.2. EVIDÊNCIAS DA EXISTÊNCIA DA SÍLABA

De acordo com Malmberg (1954), Gaya (1966), Câmara Júnior (1977), Cagliari (1981), Cabral (1985), entre outros, o falante nativo, mesmo o não-alfabetizado, tem, grande parte das vezes, consciência do número de sílabas existentes na cadeia fônica. Talvez isso se dê pelo fato de a sílaba ser perceptível por causa da alternância que é uma característica rítmica dos sons nas palavras que constroem a cadeia fônica. Os poetas populares fazem uso noção de sílaba, mesmo sem conhecê-la conscientemente, como é possível observar no verso ***devagar se vai ao longe***, no qual o ritmo binário (conjunto de duas sílabas: uma forte e uma fraca) indica marcha constante, persistência e certeza (Back, 1993, anotações de sala de aula, e 1997).

Saussure diz que *o ouvido percebe, em toda cadeia falada, a divisão em sílabas, e em toda sílaba uma soante* (Saussure, 1977: 72). E Haugen (1956) argumenta dizendo que *the only real basis for assuming [the existence of syllables] is that speakers of the language can utter them separately, dividing utterances into sequences that seem natural when pronounced alone* (Haugen apud Hudson, 1995: 668).

Câmara Júnior, além de afirmar que o falante tem consciência do número de sílabas da cadeia fônica, diz que a aquisição e estruturação da língua na mente infantil é baseada na sílaba. As primeiras falas da criança são sílabas que valem por frases. O primeiro tipo de sílaba que se adquire é o CV. Defende, ainda, que a métrica se fundamenta na sílaba como unidade elementar mesmo quando os esquemas se baseiam em unidades maiores, como pés, que são conjuntos de sílabas. E que a escrita é desenvolvida na base da sílaba, sendo, segundo o pesquisador, o silabário o método mais espontâneo de escrita e a escrita alfabética

tardia, *correspondente a uma análise refletida a que se submeteu a sílaba* (Câmara Júnior, 1977: 69).

Cabral nos aponta mais uma evidência da existência da sílaba dizendo que a sílaba é a estrutura *que apresenta maior resistência a se desvanecer na perda articulatória gradativa do afásico* (Cabral, 1985: 58).

A existência física da sílaba fonética é um fato diverso do aproveitamento distinto que cada língua faz dessa unidade. Assim como o falante, ao perceber a sílaba na cadeia da fala, a percebe dentro da sua língua, de acordo com as regras impostas pelo sistema lingüístico por ele conhecido, a métrica se fundamenta na base silábica de determinada língua. É a estruturação silábica de uma determinada língua que condiciona a métrica nessa mesma língua.

A noção de sílaba é comum a todas as línguas, mas a maneira como os segmentos se organizam, a possibilidade de os segmentos ocuparem determinadas posições, o número de segmentos permitidos nos constituintes silábicos (molde de sílaba), variam de língua para língua. Cada língua organiza os fonemas na sílaba de maneira diferente e a relação existente entre as sílabas (prosódia, juntura⁸, ritmo) também é distinta nas línguas. Segundo Robins: *a sílaba é definida como uma unidade para cada língua separadamente* (Robins, 1977: 77).

5. DIVERSIDADE ENTRE A SÍLABA FONÉTICA E A SÍLABA LINGÜÍSTICA

Não há um único critério para se estabelecer a sílaba fonética (verificar 2). De acordo com Back, ela é o resultado de um dos fatores seguintes: *1. Inversão de catástase para metástase*⁹. *2. Mudança brusca de qualquer tensão (dos músculos torácicos, das cordas vocais ou de qualquer órgão ativo)* (Back, 1997: 17). Nem sempre as sílabas fonética e lingüística coincidem, pois, a sílaba lingüística varia de

acordo com o sistema de cada língua. Ela é constituída necessariamente por uma vogal precedida ou seguida por consoantes, elementos não obrigatórios. Independente do movimento dos órgãos ativos e da tensão das cordas vocais e dos músculos torácicos, ocorrerá uma sílaba lingüística a cada vogal. De acordo com Pike:

All languages contain PHONETIC SYLLABLES which are units of one or more segments during which there is a single chest pulse and a single peak of sonority or prominence. [...] All languages contain PHONEMIC SYLLABLES which are units of one or more segments in length such that one phonemic syllable constitutes for that language a unit of actual or potential stress placement, or tone placement, or intonation placement, or rhythmic grouping, or of morpheme structure; in general (but by no means exclusively), a phonemic syllable tends to be constituted of a single phonetic syllable (Pike, 1971: 60).

Uma sílaba fonética pode ser entendida como duas sílabas lingüísticas numa determinada língua, assim como duas sílabas fonéticas podem ser uma única sílaba lingüística. Do seguinte modo afirma Pike:

After observing (1) that speakers of English if given a few general samples of syllabification and told to syllabify other items will pronounce or syllabify skates and law as one syllable each, whereas Spanish speakers tend to hear law, or cow as two syllables and Chinese speakers tend to hear skates as three, and after observing (2) that law in English can carry only one stress, but [lei] in Spanish occurs as [léi] (ley) 'law' and [lei] (lei) 'I read', I have concluded that phonetic syllables and phonemic syllables differ (Id. Ibid.: 65).

De acordo com a noção de sílaba articulatória de Saussure, no vocábulo inglês **star** /'star/ 'estrela' temos duas sílabas fonéticas e uma sílaba lingüística, pois, temos uma abertura, /s/, seguida de um fechamento, /t/, lugar onde ocorre fronteira silábica. Do fechamento passamos a uma abertura, /a/, que é o ponto vocálico, seguida de um fechamento, /r/, margem de sílaba. Temos, portanto, duas sílabas fonéticas. Mas, do ponto de vista fonológico, existe uma única sílaba, sendo a vogal ou o núcleo, o vocóide /a/.

Há línguas em que a seqüência de vocóide mais semivocóide vale por um ditongo, ou seja, **VC**. É o que ocorre em inglês nos seguintes exemplos: **cow** /'kaw/ 'vaca' e **buy** /'baj/ 'forma verbal de **to buy**: comprar'. Nos exemplos apresentados existe uma sílaba fonética que vale por uma lingüística. Uma sílaba fonética, pois, segundo Saussure, no caso de **cow** /'kaw/ 'vaca' há um som explosivo, /k/, seguido por um som implosivo, mas de maior abertura, /a/, e um outro som implosivo de menor abertura, /w/; e uma sílaba lingüística, porque existe uma única vogal, /a/. Mas há línguas nas quais essa seqüência vale por duas vogais, **VV**. Nesse caso, trata-se de uma sílaba fonética que vale por duas sílabas lingüísticas. Segundo Clark e Yallop (1995), isso ocorre em Komerling, língua do Sul da Sumatra, em vocábulos como **maít** 'cadáver', **tuot** 'joelho' e **kuah** 'molho'. Assim assegura Pike ao analisar dados de uma suposta língua (Kalaba Dialect EB):

If every short vowel has one toneme and one toneme only, but every long vowel has two tonemes, the investigator should conclude that the long vowels are sequences of two identical vowel phonemes rather than constituting single long phonemes with a complex tone (Id. ibid.: 139).

Robins, ao falar a respeito das dificuldades de aprendizagem

de uma língua estrangeira, afirma que:

As línguas, assim, diferem tanto na seleção que fazem da articulação utilizada do aparelho fonador, como nos arranjos posicionais ou grupos silábicos que eles lhes impõem; e a principal dificuldade em aprender a pronunciar línguas estrangeiras encontra-se na superação destes dois tipos de limitação arraigados na pessoa desde a aprendizagem da língua nativa quando criança (Robins, 1977: 130).

6. CONCLUSÃO

Embora existam diferentes definições de sílaba fonética, o fato de existir um ponto culminante antecedido por um movimento ascendente e seguindo por um movimento descendente é comum a todas.

Aceitamos a sílaba como realidade fonética, mas não nos podemos esquecer de que cada língua tem suas próprias regras para a constituição silábica, ou seja, a sílaba lingüística é diferente em cada sistema lingüístico. A seleção dos elementos que compõem a estrutura silábica, a sua organização e relação na cadeia fônica variam de língua para língua. E, quando o assunto é ensino de língua estrangeira, devemos considerar o padrão da língua nativa, conhecido pelo estudante, e padrão da língua alvo para podermos facilitar o processo de aprendizagem.

NOTAS

1 Consideramos o espaço entre duas pausas como grupo fônico.

2 As definições de sílaba de Merkel, Sievers, Passy, Brücke e Stetson estão baseadas em Câmara Júnior (1977) e as definições de Jespersen, Grammont,

Fouché e Durand estão baseadas em Martínez Celdrán (1986) e Malmberg (1954).

3 O ponto entre fonemas (.) indica divisão silábica em transcrição fonêmica.

4 O sinal diacrítico ' indica que a sílaba seguinte é acentuada.

5 Semivocóides são os sons produzidos pelas cordas vocais com movimento simultâneo da língua, que cria obstáculo somente para parte da corrente de ar.

6 **Ataque silábico** é entendido como o grupo de elementos que ocupa a posição pré-vocálica no conjunto silábico e **coda** como o grupo de elementos que ocupa a posição pós-vocálica.

7 Há teorias, como a Teoria Métrica, que agrupam o núcleo e a coda silábica num único constituinte obrigatório chamado rima (ver pesquisa realizada por Souza (1998): 29).

⁸ Segundo Hill, *the boundary signals are called junctures* (Hill, 1958: 21). No inglês, são mais comuns as junturas abertas, como em **a name** /Á'nEjm/ e **an aim** /Án.'Ejm/ (Id. Ibid.: 25). E, no português, as junturas fechadas são mais freqüentes: **lápiz** /'la.pis&/, mas **lápiz amarelo** /la.pi.za.ma 'RE.lu/.

9 O movimento de abertura da boca é chamado de metástase e o de fechamento de catástase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKHAMANOVA, Olga. (1971) *Phonology, morphonology, morphology*. Netherlands.
- BACK, Eurico. (1997) A sílaba do inglês. *Revista de Ciências Humanas*, Criciúma, v. 3, n. 2, p. 15-41, jul./dez.
- BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. (1972) *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD.
- CABRAL, Leonor Scliar. (1985) *Introdução à lingüística*. 6. ed. Porto Alegre: Globo.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. (1981) *Elementos de fonética do português*

- brasileiro*. Campinas. Tese (Livre docência) - Universidade Estadual de Campinas.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. (1977) *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CLARK, John; YALLOP, Colin. (1995) *An introduction to phonetics and phonology*. 2. ed. Oxford/ Massachusetts: Blackwell.
- GAYA, Samuel Gili. (1966) *Elementos de fonética general*. Madri: Editorial Gredos S. A.
- GOLDSMITH, John A. (1990) *Autosegmental & metrical phonology*. Great Britain: Basil Blackwell.
- HEFFNER, R. M. S. (1964) *General phonetics*. Madison: University of Wisconsin Press.
- HILL, Archibald. (1958) *Introduction to linguistic structures: from sound to sentence in English*. USA: Harcourt Brace Jovanovich.
- HUDSON, Grover. (1995) Consonant release and the syllable. *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*, Berlin, v. 33, n. 4, p. 655-672.
- KREIDLER, Charles W. (1989) *The pronunciation of English: a course book in phonology*. Oxford / New York: Basil Blackwell.
- LADEFOGED; DRAPER, M. H.; WHITTERIDGE, D. Syllables and stress. In: JONES, W. E.; LAVER, J. (1973) *Phonetics in linguistics: a book of readings*. London: Longman. p. 205-17.
- MALMBERG, Bertil. (1954) *A fonética*. [S l]: Edição Livros do Brasil Lisboa.
- ____ (1971) *Phonétique générale et Romane*. Paris: Mouton.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, E. (1986) *Fonética*. 2. ed. Barcelona: Editorial Teide.
- PIKE, Keneth. (1969) *Phonetics*. 12. ed. Michigan: The University of Michigan Press.
- ____ (1971) *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. 12. ed. Ann Arbor: The University of Michigan.

- ROBINS, R. H. (1977) *Lingüística geral*. Porto Alegre: Globo.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1977) *Curso de Lingüística Geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix. [Trad. fr. Cours de Linguistique Générale. Paris: Payot, 1916. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein].
- SOUZA, Ana Cláudia de. (1998) *Estrutura silábica do português brasileiro e do inglês americano: estudo comparativo*. Florianópolis. Dissertação (mestrado em Lingüística) - UFSC.